

Além dos números: a reconstrução da presença feminina nas ciências exatas¹

Beyond the numbers: the reconstruction of women's presence in the exact sciences

Wallace Marquis Teixeira Moreira*
Silvana Maria Bitencourt**

Palavras-chave:

Mulheres;
Física;
Pós-Graduação;
Desigualdade de gênero.

Resumo: Este artigo investiga a disparidade de gênero observada na pós-graduação em Física da UFMT, com o objetivo de compreender as condições de inclusão e a visibilidade das mulheres nesse campo, além de analisar se as diferentes oportunidades justificam-se por fatores isonômicos e justos. O estudo, baseado em dados qualitativos e quantitativos coletados por meio de questionários, entrevistas e análises documentais, aponta que não existem justificativas acadêmicas que sustentem essa diferença de gênero, mas sim uma estrutura institucional que favorece a "invisibilização" e a desvalorização das mulheres na academia.

Keywords:

Women;

Abstract: *This article investigates the gender disparity observed in the Physics graduate program at UFMT, aiming to*

¹ Recebido em 13 de março de 2025. Aceito em 06 de maio de 2026.

* Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e em Publicidade pela Uniasselvi, com pós-graduação em Ciência Política e formação acadêmica internacional na Universidade do Porto. Atua como pesquisador voluntário no Laboratório Nenhuma a Menos, integra a LAHNAS/UFMT e é co-criador do podcast acadêmico Diálogos Etnográficos. Possui experiência em pesquisa, mediação cultural, produção acadêmica e diagramação de catálogos de exposições, tendo atuado no Museu de Arte e Cultura Popular (MACP-UFMT) e em projetos do SESC. Atualmente, exerce a função de Educador Social na SETAC, em Guarapari (ES).

** Doutora em Sociologia Política e docente da Universidade Federal de Mato Grosso, com atuação nas áreas de gênero, feminismos, educação e desigualdades sociais. Desenvolve pesquisas voltadas às relações de gênero no meio acadêmico e científico, coordenando projetos e orientando estudos relacionados às ciências, políticas públicas e direitos das mulheres.

*Physics;
Graduate Studies;
Gender inequality.*

understand the conditions of inclusion and the visibility of women in this field, as well as to analyze whether the different opportunities are justified by equitable and fair factors. The study, based on qualitative and quantitative data collected through questionnaires, interviews, and documentary analysis, indicates that there are no academic justifications supporting this gender disparity, but rather an institutional structure that promotes the "invisibilization" and devaluation of women in academia.

Introdução

Ao lançar um olhar sobre as Ciências, não há necessidade de grandes recursos ou pesquisas prolongadas para perceber a disparidade de gênero presente. Ela manifesta-se claramente de forma quantitativa em alguns campos mais do que em outros, e é a partir deste fenômeno que surge o nosso interesse em entender essa problemática dentro da Universidade Federal de Mato Grosso, em cursos de Pós-Graduação Stricto Sensu das Ciências Exatas. Nossas principais perguntas norteadoras são *"Existe disparidade de gênero na pós-graduação em Física? E quais fatores explicam esses fenômenos?"*

Mas é sempre importante "começar do começo". O presente artigo mantém o título da pesquisa que o origina, já que essa escolha não foi aleatória. O título *"Além dos números: a reconstrução da presença feminina nas Ciências Exatas"* considera que a relação entre Ciências Humanas e Ciências Exatas não é muito comum entre o público em geral. Contudo, quando pensamos nas Ciências Exatas, logo relacionamos à ideia de números, cálculos e questões lógicas. Porém, como toda ciência, estamos falando de seres humanos matemáticos, físicos, químicos, etc... seres culturais que vivem em sociedade e se relacionam de diferentes formas. Por isso, ao lançarmos um olhar sob a perspectiva socioantropológica, percebemos questões que vão *"Além dos Números"*, como a disparidade de gênero, que não é e nem deve ser vista como uma problemática exclusiva do campo das Ciências Exatas, mas que ganha extremo destaque diante das inúmeras observações já realizadas por outros/as pesquisadores/as, que serão citados/as ao longo deste artigo.

Referencial teórico

A presente pesquisa fundamenta-se nas discussões sobre desigualdade de gênero, invisibilização feminina e representatividade dentro da produção científica, especialmente nas Ciências Exatas. A análise desenvolvida parte da

compreensão de que a ciência não é um espaço neutro, mas um ambiente atravessado por relações sociais, culturais e históricas que influenciam diretamente a permanência e o reconhecimento das mulheres na academia.

Gênero e desigualdade na academia

O conceito de gênero é fundamental para compreender as desigualdades presentes na sociedade e nos espaços acadêmicos. Diferente do sexo biológico, o gênero refere-se às construções sociais e culturais atribuídas ao masculino e ao feminino, influenciando comportamentos, oportunidades e relações de poder.

Segundo Carvalho e Casagrande (2011), a sociedade historicamente associou os homens a características como racionalidade e liderança, enquanto as mulheres foram vinculadas ao cuidado e à sensibilidade. Essas construções influenciam diretamente a inserção feminina nas Ciências Exatas, áreas tradicionalmente vistas como masculinas.

As desigualdades de gênero no ambiente acadêmico constituem uma das principais discussões presentes nesta pesquisa. (Oliveira et al. 2021) argumentam que homens e mulheres não apresentam diferenças significativas em relação à produtividade acadêmica e científica, porém as mulheres encontram maiores dificuldades de acesso aos espaços de prestígio e reconhecimento dentro da carreira científica. Segundo os autores:

Sustentamos como hipótese experimental que, embora homens e mulheres não tenham diferenças significativas em relação à produção acadêmica e científica, os acessos às bolsas e ao topo da carreira acadêmica no Brasil são mais restritos às mulheres que aos homens, sendo o sexo masculino dominante no campo científico de reconhecimento (Oliveira et al., 2021).

Essa discussão é fundamental para a presente pesquisa, pois os dados coletados na pós-graduação em Física da UFMT demonstram que a desigualdade observada não pode ser justificada pela ausência de produtividade feminina, mas por mecanismos estruturais que dificultam a ocupação desses espaços pelas mulheres.

A presença feminina nas Ciências Exatas

As Ciências Exatas historicamente apresentam baixos índices de participação feminina, especialmente em áreas como a Física. É possível perceber que conforme ocorre o avanço na carreira acadêmica, menor tende a ser a presença de mulheres nesses espaços (Saitovitch, Lima e Barbosa. 2013).

Esse fenômeno evidencia que a desigualdade de gênero não se limita apenas ao ingresso das mulheres nos cursos superiores, mas também envolve dificuldades relacionadas à permanência e ascensão acadêmica.

Agrello e Garg também discutem a presença das mulheres na Física, destacando que fatores culturais e institucionais contribuem para a permanência das desigualdades de gênero na área. As autoras apontam que mulheres frequentemente enfrentam preconceitos relacionados à capacidade intelectual e à legitimidade de sua atuação em campos tradicionalmente masculinos.

Invisibilização feminina e reconhecimento científico

Outro conceito importante para esta pesquisa refere-se à invisibilização feminina dentro da ciência. A invisibilização das mulheres impacta diretamente a construção de referências acadêmicas e profissionais. A ausência de figuras femininas reconhecidas dentro das Ciências Exatas dificulta processos de identificação e pertencimento, especialmente entre estudantes e pesquisadoras em início de carreira. Santos e Madruga (2022), nos mostram de forma histórica, que diversas contribuições realizadas por mulheres foram apagadas ou atribuídas a homens próximos, como pais, maridos e orientadores. Um ótimo exemplo a ser citado é Mileva Marić, que por muitos é conhecida como “esposa de Einstein”, que além de física brilhante em certos momentos superando Einstein, alguns estudos apontam que ela teve participação em suas pesquisas.

Há também o fato de que a produção feminina frequentemente recebe menor apreço quando comparada à produção masculina, mesmo em situações de produtividade equivalente.

Gênero, violência e estrutura institucional

A pesquisa também dialoga com discussões sobre violência e desigualdade estrutural dentro das instituições acadêmicas. Os dados apresentados pelo Intercept Brasil (2019) demonstram que mulheres em universidades brasileiras frequentemente enfrentam situações de violência e discriminação dentro do ambiente acadêmico.

Essa realidade contribui para a construção de espaços considerados hostis para a permanência feminina, especialmente em áreas historicamente masculinizadas, como a Física. Os relatos coletados durante a pesquisa reforçam essa percepção ao evidenciarem experiências relacionadas à discriminação, exclusão e desvalorização profissional.

Metodologia

A metodologia foi desenvolvida a partir das seguintes etapas:

Primeiramente, foi realizada uma revisão bibliográfica abrangente da literatura científica sobre o tema, identificando estudos anteriores relacionados à participação das mulheres nas Ciências Exatas, ao apagamento histórico e às desigualdades de gênero. Essa revisão forneceu o embasamento teórico necessário para a pesquisa. Em seguida, foram coletados dados quantitativos por meio de levantamentos documentais (relatórios, sites, registros etc.) que permitiram obter informações sobre a presença de mulheres nos programas de pós-graduação em Física, tanto como discentes quanto como docentes. Essa etapa incluiu a análise de estatísticas e indicadores educacionais, como o número de mulheres matriculadas em cursos de pós-graduação e a proporção de mulheres em relação aos homens.

Posteriormente, foi realizada uma análise documental dos programas de pós-graduação, examinando planos de estudo, dissertações, teses e publicações científicas para identificar a presença e o reconhecimento dos estudos desenvolvidos por mulheres nessas áreas. Essa análise incluiu a verificação de citações, referências e a aplicação prática dos trabalhos. Além disso, foram conduzidas entrevistas e aplicados questionários com o objetivo de coletar dados qualitativos sobre as experiências e percepções de mulheres que atuaram ou ainda atuam nos programas de pós-graduação em Física. Essa etapa permitiu uma compreensão mais profunda das barreiras e dos desafios enfrentados, bem como das percepções sobre a valorização dos estudos realizados por mulheres.

Por fim, foi realizada uma análise comparativa entre os dados coletados, identificando diferenças e desigualdades de gênero nos espaços ocupados por homens e mulheres no programa de pós-graduação. Essas diferenças foram colocadas à prova a partir das produções, do tempo de carreira, entre outros filtros isonômicos, e posteriormente relacionadas aos contextos sócio-históricos e às dificuldades enfrentadas pelas mulheres nas Ciências Exatas.

Onde estão elas?

A presença feminina no campo da pesquisa deve ser compreendida a partir de fatores históricos, pois sempre esteve em desacordo com a presença masculina, e feminina na educação em geral. O IBGE, no Censo de 2022,

mostrou que as mulheres correspondem a 51,5% da população brasileira. Para além da inexpressiva presença de mulheres, a área da Física nos revela outro dado interessante: o número de mulheres na ciência tende a diminuir conforme avançam na carreira (Saitovitch; B. Lima; C. Barbosa, 2013).

Ao analisarmos o número de discentes do curso de graduação em Física na UFMT no ano de 2019, temos o seguinte cenário: no Bacharelado, havia um total de 78 alunos, dos quais 23 eram mulheres, resultando em uma proporção de 29,49% de mulheres no curso. Já na Licenciatura em Física, havia um total de 85 alunos, sendo 33 mulheres, o que corresponde a 38,82%. Esse dado reforça a premissa inicial deste tópico, evidenciando que os campos relacionados à educação costumam ter maior participação feminina do que aqueles voltados à pesquisa.

Ainda em 2019, o programa de Mestrado em Física registrou, no primeiro semestre (2019/1), a entrada de quatro (04) alunos, sendo apenas uma (01) mulher. No segundo semestre (2019/2), o número de ingressantes foi o mesmo, mas com duas (02) mulheres, uma proporção de 50% entre homens e mulheres. Esse segundo cenário pode parecer mais “promissor”, porém, ao estendermos nossa análise para os anos seguintes, percebemos que essa proporção não se manteve. No semestre de 2021/2, por exemplo, houve a entrada de 12 alunos, sem nenhuma mulher. Da mesma forma, no semestre de 2022/2, ingressaram dois (02) alunos, ambos homens. Esse padrão também pode ser observado em anos anteriores, conforme demonstrado na Tabela 1:

Tabela 1 – Discentes na Física

DISCENTES NA FÍSICA	
ANO	PRESENÇA FEMININA
2022/2 – 2 ALUNOS	NENHUMA MULHER
2021/2 – 12 ALUNOS	NENHUMA MULHER
2018/2 – 3 ALUNOS	NENHUMA MULHER
2018/1 – 3 ALUNOS	NENHUMA MULHER

2017/1 – 7 ALUNOS	NENHUMA MULHER
2016/2 – 3 ALUNOS	NENHUMA MULHER
TOTAL GERAL	30
TOTAL DE MULHERES	0

Fonte: <https://sites.google.com/a/fisica.ufmt.br/ppg fisica/home> – retirado pelo autor.

Ao analisar o corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Física, encontramos dificuldades ao acessar o site, além de informações que, a princípio, pareciam estar erradas, tais como: nele percebemos a ausência de professoras. Essa ausência foi notada inicialmente nos registros de orientação dos alunos, pois não havia nenhum estudante que tivesse sido orientado por uma professora, ao menos nos registros disponíveis para acesso no site. Mesmo as mestrandas tinham, em seus registros, orientadores homens.

A partir dessa constatação, verifiquei o quadro de professores, que era 100% formado por homens, sem nenhuma presença feminina. Diante de dúvidas sobre essa informação, foi enviado um e-mail ao coordenador do programa no dia 13 de maio de 2024, e ele prontamente respondeu, confirmando que os dados presentes no site estavam corretos e atualizados. Ou seja, de fato, o Programa de Pós-Graduação em Física não contava com nenhuma professora mulher em seu quadro docente.

Diante desse cenário, formulamos algumas hipóteses para explicar essa realidade, mantendo, claro, uma abordagem aberta e considerando fatores geográficos. Sabemos que a distribuição de bolsas, incentivos e auxílios na região Centro-Oeste, especialmente nas chamadas “periferias acadêmicas”, é extremamente desproporcional, o que pode influenciar na composição do corpo docente, mas fatores como a maternidade, o ambiente de trabalho hostil, entre outros, não foram descartados.

A partir de uma rápida consulta ao painel *Mapa de Fomento em Ciência, Tecnologia e Inovação* (CTI), utilizando como descritor “Bolsa + Projetos” na área de Física no Brasil, identificamos um total de 3.362 bolsas vigentes. Destas, apenas 26 estão no estado de Mato Grosso, ou seja, apenas 0,77% das bolsas destinadas à Física no país contemplam instituições mato-grossenses.

Ao analisarmos dados ainda mais específicos, observamos que a UFMT conta atualmente com 21 bolsas, das quais apenas seis (06) são destinadas a estudantes mulheres, evidenciando uma clara falta de incentivo para essas alunas. Diante desse cenário, questionamos: será que apenas seis (06) estudantes mulheres de Física demonstraram interesse em participar de programas de bolsas de pesquisa? Além disso, considerando a predominância masculina na área, haveria a possibilidade de professoras e alunas enfrentarem situações de violência? Nos casos de maternidade, considerando que a carreira docente é pautada na produtividade, como as mulheres que se afastam por esse motivo são assistidas?

Partindo desses questionamentos, vale destacar que o *The Intercept*, em 2019, indicou que “desde 2008, pelo menos 556 mulheres, entre estudantes, professoras e funcionárias, foram vítimas de algum tipo de violência em instituições de ensino superior.” Complementando esse dado, o estado de Mato Grosso apresentou, em 2024, a maior taxa de feminicídios do país, com 2,5 mortes para cada grupo de 100 mil mulheres, segundo dados divulgados pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) e reportados pelo G1. Podemos levantar a hipótese de que essa inexpressiva presença feminina pode ser atribuída a diversos fatores, inclusive à violência de gênero.

Embora essa representatividade seja pequena, ela é muito mais influente do que se espera. Mulheres sendo ensinadas por homens não apresenta nenhum problema em si, mas, sob a perspectiva de carreira, sabemos que ambos enfrentam problemas diferentes, o que resulta em trajetórias distintas.

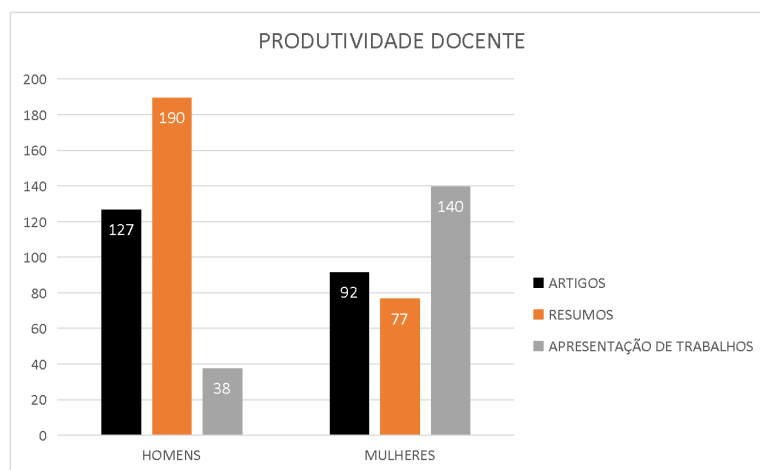
Discentes que se socializam em instituições historicamente dominadas por homens, como a família, universidades e o mercado de trabalho, muitas vezes, convivem com desrespeito e desvalorização da contribuição feminina. De acordo com Santos e Madrugada (2022), conceitos historicamente desenvolvidos por mulheres foram apropriados por homens, no caso, por seus pais, irmãos e maridos.

Considerando a falta de presença feminina na Pós-graduação em Física, buscamos por nomes de professoras na graduação em Física para realizarmos uma análise comparativa de produtividade. O quadro docente é composto por 39 professores, sendo quatro (04) mulheres, o que corresponde a 10,26%. Essa é uma grande contradição em um país onde as mulheres representam 51,5% da população geral e, mais especificamente, 49,7% da população de Mato Grosso. Isso evidencia uma disparidade significativa. Para realizar essa comparação, selecionamos três (03) aspectos principais: produção de artigos, resumos e apresentações de trabalhos. Filtramos os professores presentes na graduação e na pós-graduação, que, em teoria, deveriam liderar o ranking de produção. No

entanto, o que observamos foi um quadro um pouco diferente: além da baixíssima diferença na produção desses professores, em alguns casos, as professoras superaram os homens em publicações. Veja a tabela 2 abaixo:

Tabela 2 –
Docente

Produtividade

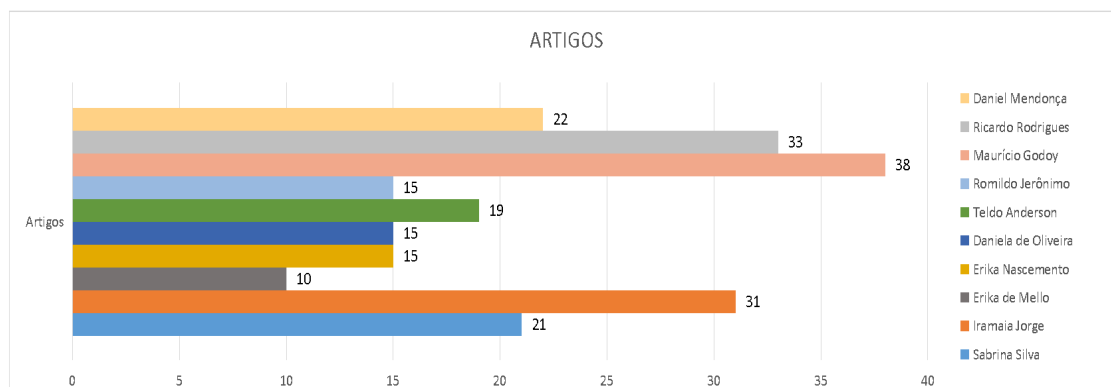


Fonte: <https://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do?metodo=apresentar> – Retirado pelo Autor

Embora os homens liderem o ranking de resumos com uma diferença de 113, no quesito apresentação de trabalhos as mulheres superam os homens com uma diferença de 102. No campo de artigos, a diferença é pequena, de apenas 35 publicações. Vale ressaltar que essa comparação é macro.

Ao realizarmos uma análise individualizada, comparando um a um, percebemos que, na verdade, as docentes superam os docentes em termos de produtividade. Ao isolar na planilha apenas os artigos publicados, observamos que as professoras mantêm um padrão de produção tão elevado quanto o dos professores, tanto no mestrado quanto na graduação. Isso levanta novamente a principal questão aqui apresentada: o que falta para que as mulheres ocupem esse espaço?

Imagem 1



Fonte: <https://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do?metodo=pesquisar> – retirado pelo Autor.

A partir do quadro exposto, a questão que fica é: qual a diferença ou importância em falar ou avaliar a presença feminina dentro da pesquisa/mercado? “Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), a redução de 25% da desigualdade de gênero no mercado de trabalho até 2025 poderá gerar um aumento no PIB de 4% nos países da América Latina.” (Naidek et al., 2020). Ou seja, além dos impactos sociais, temos impactos econômicos na inclusão das mulheres dentro do campus.

Além disso, foi aplicado um questionário com o objetivo de compreender, de forma mais aprofundada, a perspectiva dessas mulheres em relação à área da Física, buscando identificar não apenas suas percepções sobre o campo acadêmico e profissional, mas também os desafios, as oportunidades e as possíveis barreiras que enfrentam ao longo de sua trajetória dentro dessa disciplina.

Da mesma forma, foi disponibilizado aos professores homens que apresentassem suas percepções sobre esse quadro. Contudo, nenhum professor respondeu. Mesmo nas tentativas de contato presencial, houve uma recusa no diálogo, sendo sempre orientado a fazer o contato por e-mail. Compreendi a situação como uma forma de documentar tudo o que estava sendo feito e evitar quaisquer erros. Respeitando a decisão de todos, retornou-se o contato por meio dos correios eletrônicos.

Duas (02) professoras, que aqui chamaremos de Juliana e Alexandra² para preservar suas identidades, concordaram em participar da pesquisa composta por oito questões. Foi utilizado um questionário criado através do *Google Forms*, sendo um questionário qualitativo. Na primeira questão, pedimos que nos contassem os desafios acadêmicos que enfrentaram em sua trajetória.

² Nome fictício para proteger a identidade das professoras.

Ambas relataram não apenas os desafios impostos pela academia, os quais todo e qualquer profissional/pesquisador que busca o campo da pesquisa enfrentará, mas também problemáticas relacionadas a questões de gênero, como a misoginia, o preconceito de gênero e a competitividade feminina. Já na segunda questão, pedimos que descrevessem o ambiente de estudo e pesquisa de suas áreas, questionando: “Como você descreveria o ambiente de estudo e pesquisa em sua área de atuação?”

No âmbito da atuação de nós mulheres Físicas, enfrentamos uma série de desafios específicos que dificultam nossas carreiras e desenvolvimento profissional. No meu caso, aqui estão alguns dos maiores desafios enfrentados por uma física:

1. Desigualdade de Gênero – Sub-representação: Somos frequentemente sub-representadas em campos científicos, especialmente em Física, o que leva a um ambiente de trabalho isolador e falta de modelos femininos, aqui na UFMT, o Instituto de Física conta com apenas quatro mulheres em seu quadro.
2. Preconceito e Estereótipos – Estereótipos de Gênero, muitas vezes, enfrentamos estereótipos que questionam nossas habilidades e competências nesta área que é tradicionalmente dominada por homens.
3. Falta de Apoio e Mentoria – Mentoria: A falta de mentores e modelos femininos tem dificultado o desenvolvimento profissional das mulheres, que se sentem, por vezes, desorientadas ou desmotivadas sem o suporte adequado. - Networking: As redes de contatos e suporte muitas vezes são dominadas por homens, dificultando nosso acesso a oportunidades importantes de colaboração e avanço profissional.
4. Ambiente de Trabalho Hostil - Assédio e Discriminação: Infelizmente, continuamos enfrentando assédio sexual e discriminação de gênero em seus locais de trabalho, o que cria um ambiente hostil e prejudicar sua saúde mental e bem-estar. - Cultura de Trabalho: A cultura competitiva e, por vezes, exclusivista de muitos departamentos de Física pode ser desafiadora para as mulheres, especialmente para aquelas que são novas no campo. - Falta de Reconhecimento: As contribuições das mulheres na ciência frequentemente recebem menos reconhecimento do que as dos homens, o que facilmente impacta a visibilidade e avanço na carreira. (Juliana)

A segunda entrevistada preferiu uma resposta mais resumida. Alexandra resumiu a resposta em “*masculino e tóxico*”, deixando claro e evidenciando que, além das problemáticas tradicionais de um acadêmico, essas mulheres enfrentam algo a mais. Com a intenção de realizar uma análise minuciosa, acrescentamos na pesquisa a seguinte pergunta: “Quais as suas referências dentro do campo em que estuda?” E aqui, nossa intenção era observar quantos professores (homens e mulheres) citariam alguma profissional mulher. Apesar

de prever que encontraríamos ao menos uma citação, o resultado inevitável foi zero (0) citações. Ou seja, as mulheres não só são desvalorizadas e invisibilizadas, como também são ensinadas a reproduzir esse ciclo. Não duvidamos que haja, dentro das pesquisas realizadas pelas professoras, presenças femininas em suas bibliografias, mas aqui fica a seguinte reflexão: quando você pensa neste campo de atuação, quais nomes vêm à sua cabeça? E esses nomes são de homens ou mulheres?

Reflexões sobre a presença feminina no campo da Física

No início, os dados levantados demonstraram uma disparidade de gênero extrema, o que já estava teorizado nos levantamentos iniciais na apresentação da proposta de trabalho. No entanto, os relatos e documentos específicos mostram que não há razões acadêmicas para esse quadro. Ou seja, não há fatores de produtividade que justifiquem essa diferença existente no quadro de docentes, conforme o texto *Gênero e desigualdade na academia brasileira* (Oliveira et ali., 2021):

Sustentamos como hipótese experimental que, embora homens e mulheres não tenham diferenças significativas em relação à produção acadêmica e científica, os acessos às bolsas e ao topo da carreira acadêmica no Brasil são mais restritos às mulheres que aos homens, sendo o sexo masculino dominante no campo científico de reconhecimento (Oliveira et ali., 2021, p.4)

Pensando em uma sequência de problemas sobre a falta de representatividade feminina na pós-graduação, é importante destacar que, sem justificativa aparente, isso resulta no baixo interesse e na maior dificuldade de permanência de mulheres na formação de mestrado. Aqueles poucos que permanecem não criam ou priorizam referências femininas, pois a elas foram impostas outras figuras. Dessa forma, essas mulheres estão submetidas a um “controle” cíclico. Não foi objetivo desta pesquisa acusar individualmente homens ou mulheres, mas entender que, mesmo de forma indireta a exclusão dessas mulheres na UFMT é estrutural, portanto, tende a se reproduzir sem regras prescritas. Neste cenário, temos: Não representatividade = não identificação = não compreensão e/ou perspectiva = desvalorização e/ou não citação; sem mencionar o fator das violências (psicológica, física, patrimonial, etc...).

Considerando os dados levantados, assim como existem políticas raciais que permitiram o aumento da presença de negros, pardos e indígenas dentro da universidade, de acordo com a FGV, “Ao entrar em vigor, a lei estabeleceu um artigo que previa uma avaliação após 10 anos. Nesse período,

um dos principais resultados foi o aumento de 400% no ingresso de negros nas universidades” (FGV, 2022).

Essa política de equidade se mostrou extremamente eficaz e pode ser adaptada para outros grupos, como mulheres na pós-graduação. Por exemplo, poderiam ser criados processos seletivos de mestrado nas áreas das exatas com vagas exclusivas para mulheres, exigências de representação ou mesmo uma divisão igualitária de cargos de direções, como coordenadores ou vices, entre os sexos, ou uma rotatividade de gênero nos cargos. Embora algumas sugestões possam parecer utópicas, vale lembrar que já são aplicadas em partidos, por meio da Lei das Cotas Eleitorais de Gênero, que exige uma proporção mínima de 30% e no máximo 70% para candidaturas de cada sexo. Ou seja, fatos como a não presença feminina, como no caso do curso de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Física, poderia ser solucionada, a princípio.

Considerações finais

Os resultados obtidos na pesquisa confirmaram as hipóteses previamente levantadas, com base na bibliografia consultada: existe uma disparidade de gênero acentuada na UFMT, no campo da Física. Os relatos coletados, por meio dos questionários e entrevistas, evidenciam uma exclusão explícita das mulheres que atuam como pesquisadoras e educadoras nesse campo. Além disso, foi possível observar um ambiente institucional que, longe de promover a inclusão, acaba por contribuir para o aumento da evasão feminina, devido à falta de um suporte adequado e dá visibilidade necessária para que as mulheres se sintam representadas e, conseqüentemente, se mantenham engajadas no percurso acadêmico.

Como já foi exposto anteriormente, a análise realizada na UFMT não encontrou qualquer justificativa acadêmica para a presença reduzida de mulheres no quadro docente, especialmente na Pós-graduação em Física. Não existem, portanto, fatores relacionados à produtividade acadêmica que possam sustentar essa diferença de gênero observada. As mulheres que ocupam o cargo de docentes e pesquisadoras nesse campo têm mostrado níveis de produção intelectual comparáveis aos de seus colegas homens, como já foi apresentado na análise quantitativa das publicações, resumos e apresentações de trabalhos. No entanto, o número de mulheres se reduz consideravelmente à medida que se avança nos graus de formação, o que é um indicativo claro de que o processo de exclusão acontece de maneira estruturada, muitas vezes, invisível aos olhos de quem ocupa posições de poder dentro da instituição.

Outro fator curioso que merece ser destacado nesse processo foi a postura da coordenação do curso de Física em relação à pesquisa. Apesar das dificuldades enfrentadas pelas mulheres na academia, a coordenação não demonstrou interesse em ocultar esses dados, ao contrário, houve uma postura mais receptiva, permitindo a realização da pesquisa. Isso é, de fato, uma exceção em relação a outras áreas. Este comportamento da coordenação de Física contrasta diretamente com o tradicionalismo institucional, no qual, frequentemente, há uma resistência a expor ou até mesmo a discutir essas questões de gênero. O fato de a coordenação ter se mostrado aberta à pesquisa indica, ao menos de forma indireta, uma consciência sobre a problemática da disparidade de gênero no ambiente acadêmico, mas isso ainda não é suficiente para gerar mudanças substanciais na estrutura de poder ou nas práticas institucionais que perpetuam essa desigualdade.

Além disso, é importante destacar a reflexão sobre a falta de ações concretas para a mudança desse quadro. Como ficou evidente no artigo, mesmo com a visibilidade de dados que apontam a desigualdade, não parece haver um esforço institucional para transformar essa realidade. Se por um lado, a coordenação de Física demonstrou uma postura aberta ao levantamento desses dados, por outro, a ausência de políticas e medidas eficazes para aumentar a representatividade feminina dentro do quadro docente da Pós-graduação sugere uma falta de comprometimento institucional com a equidade de gênero. Em outras palavras, apesar da consciência sobre o problema, a ação efetiva para corrigir as disparidades ainda não é prioridade.

O cenário descrito coloca uma questão central: por que, apesar das evidências de desigualdade, não há ações efetivas para mudar esse quadro? A reflexão sobre essa questão deve ser feita de forma crítica, uma vez que a exclusão das mulheres na academia, especialmente nas áreas das ciências exatas, não ocorre apenas de forma explícita, mas também de maneira estrutural e silenciosa. Mesmo as mulheres que permanecem na academia, enfrentam desafios diários que as colocam em uma posição de invisibilidade, o que acaba por influenciar a sua permanência e ascensão dentro da instituição.

Além disso, a questão da falta de ações voltadas para a inclusão feminina vai além da percepção individual de docentes ou discentes. Trata-se de uma falha estrutural que, apesar de ser reconhecida por alguns membros da academia, não recebe o devido tratamento ou não é considerada prioridade pelas instâncias superiores da universidade. Por que não há políticas públicas mais efetivas para aumentar a presença de mulheres nas áreas de Ciências Exatas? E como as informações sobre a disparidade de gênero são disseminadas para as docentes e discentes, que são as mais afetadas por essa realidade?

A reflexão proposta por essa pesquisa, portanto, não busca apenas expor o problema, mas também sugerir outros estudos que possam apresentar objetivos e metas que possam estar ao alcance da instituição para implementar políticas de inclusão eficazes e que garantam, de fato, um ambiente mais igualitário para todas as mulheres na academia.

Referências bibliográficas

AGRELLO, D. A.; GARG, R. Abr 2009. Mulheres Na Física: Poder e Preconceito nos Países em Desenvolvimento. Revista Brasileira de Ensino Física; V. 31, n. 1. Disponível: < <https://www.scielo.br/j/rbef/a/xv9Y7DvT9mnyZrx6JL38ZnS/abstract/?lang=pt#> >. Acesso em: Maio de 2024.

BARROS, L. Tojal. A Lei das Cotas Eleitorais de Gênero e Sua Influência na Candidatura e na Eleição de Mulheres para a Câmara dos Deputados do Brasil. Disponível: < <https://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/7204> >. Acesso em: Agosto de 2024.

CARNEIRO, S. Dispositivo da Racialidade. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2023.

CARVALHO, M. G.; CASAGRANDE, L. S. Mulheres e Ciência: Desafios e Conquistas. Revista Inter. Interdisc. INTERthesis, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 20-35, jul./dez. 2011.

CNPq. Mapa de Fomento CTI - Bolsas e Projetos. Disponível em: < <http://www.bi.cnpq.br/painel/mapa-fomento-cti/> >. Acesso em: Agosto 2024.

Intercept Brasil. Abusos no Campus: Mais de 550 Mulheres Foram Vítimas de Violência Sexual Dentro de Universidades Desde 2008. Disponível em: < <https://www.intercept.com.br/2019/12/10/mais-de-550-mulheres-foram-vitima-s-de-violencia-sexual-dentro-de-universidades/> >. Acesso em: 23 fev. 2024.

FGV. Lei de Cotas Possibilitou Aumento de 400% no Ingresso de Alunos Negros no Ensino Superior em 10 Anos. Disponível em: < <https://direitosp.fgv.br/noticias/lei-cotas-possibilitou-aumento-400-no-ingresso-alunos-negros-no-ensino-superior-10-anos#:~:text=27%2F06%2F2022-,Lei%20de%20Cotas%20possibilitou%20aumento%20de%20400%25%20no%20ingresso%20de,ensino%20superior%20em%2010%20anos> >. Acesso em: Julho de 2024.

NAIDEKA, N.; SANTOSA, Y. H.; SOARES, P.; HELLINGERA, R.; HACKA, T.; ORTH, E. S. Mulheres Cientistas na Química Brasileira. Disponível em: <

<https://www.scielo.br/j/qn/a/L8mY73ZKdMk6SVntnN8hLHt/> > Acesso em: Julho de 2024.

OLIVEIRA, A.; MELO, M. F.; RODRIGUES, Q. B.; PEQUENO, M. Gênero E Desigualdade Na Academia Brasileira: uma Análise a Partir dos Bolsistas de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Disponível em: < <https://journals.openedition.org/configuracoes/11979> > Acesso em: Agosto de 2024.

PPGQ. Programa de Pós-Graduação em Química da UFMT. Disponível em: < <https://ufmt.br/curso/ppgq> > Acesso em: Fevereiro de 2024.

SAITOVITCH, E. B.; LIMA, B. S.; BARBOSA, M. C. Mulheres na Física: Uma Análise Quantitativa. Disponível em: < https://www1.fisica.org.br/gt-genero/images/arquivos/Apresentacoes_e_Textos/livro-mulheres.pdf > Acesso em: junho de 2024.

SANTOS, J. S.; MADRUGA, Z. E. F. Mulheres nas Ciências Exatas: Um Olhar para Pesquisas Científicas. Disponível em: < <https://revistas.uece.br/index.php/BOCEHM/article/view/5601> > Acesso em: Julho de 2024.

TEIXEIRA, W. M. Além Dos Números: A Reconstrução Da Presença Feminina Nas Ciências Sociais Exatas - Relatório Parcial.

Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). PPG-FIS. Disponível em: < <https://sites.google.com/a/fisica.ufmt.br/ppg fisica/home> >. Acesso em: Maio de 2024

Associação Mato-grossense dos Municípios (Amm). Censo 2022 Aponta Sexo da População em cada município. Disponível em: < [https://www.amm.org.br/Noticias/Censo-2022-aponta-sexo-da-populacao-em-cada-municipio-51424/#:~:text=O%20Mato%20Grosso%20lidera%20a,50%2C3%25\)%20s%C3%A3o%20homens](https://www.amm.org.br/Noticias/Censo-2022-aponta-sexo-da-populacao-em-cada-municipio-51424/#:~:text=O%20Mato%20Grosso%20lidera%20a,50%2C3%25)%20s%C3%A3o%20homens) >. Acesso em: agosto de 2024.

Agência Brasil. Censo 2022: Mulheres são maiorias em todas as Regiões pela Primeira Vez. Disponível em: < [https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-10/cento-2022-mulheres-sao-maioria-em-todas-regioes-pela-primeira-vez#:~:text=N%C3%A3o%20falta%20mais%2C%20segundo%20o,48%2C5%25\)%20s%C3%A3o%20homens](https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-10/cento-2022-mulheres-sao-maioria-em-todas-regioes-pela-primeira-vez#:~:text=N%C3%A3o%20falta%20mais%2C%20segundo%20o,48%2C5%25)%20s%C3%A3o%20homens) >. Acesso em: dezembro de 2023.